

**VARIAÇÃO DIASTRÁTICA E DIAGERACIONAL
DO R-FORTE EM PORTUGUÊS POR FALANTES BI-
LÍNGUES DE HUNSRIQUEANO COMO LÍNGUA DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL**
DIASTRATIC AND DIAGENERATIONAL VARIATION OF R-FORTE
IN PORTUGUESE BY BILINGUAL SPEAKERS OF
HUNSRIK AS A LANGUAGE OF GERMAN IMMIGRATION IN RIO
GRANDE DO SUL

Martina Steffen¹

Resumo: *O presente artigo analisa a variação da realização do r-forte /r/ no português falado por descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Tomando por base dados do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), faz-se uma comparação diastrática e diageracional das ocorrências das diferentes variantes de /r/ registradas no estilo de leitura. O diagnóstico destas variáveis permite apreciar a persistência de transferências e marcas de contato, assim como o grau de aproximação dessas comunidades bilíngues às variedades inovadoras do português conforme o nível de escolaridade e a faixa etária.*

Palavras-chave: contato linguístico, variação do r-forte, línguas de imigração

Abstract: *The present article analyzes the variation of realizations of r-forte /r/ in Portuguese spoken by descendants of German immigrants in Rio Grande do Sul. Based on data from the Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H), it contains a diastratic and diagerational comparison of occurrences of the different variants of /r/ that were produced while reading a text. The diagnosis of these variables allows assessing the persistence of linguistic transfer and traits of contact as well as the degree of approximation of these bilingual communities to innovative varieties of Portuguese according to the speakers' level of education and age.*

Keywords: language contact, variation of Portuguese /r/, immigrant languages

1 Pós-doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Introdução

O contato linguístico entre o português e o alemão no Sul do Brasil tem levado a um processo paulatino de assimilação de elementos portugueses nas variedades dialetais faladas pelos imigrantes. Esse desenvolvimento histórico com o concomitante surgimento de códigos misturados de alemão e português já foi objeto de estudo de uma série de trabalhos desde os anos 1950 (FAUSEL, 1959; ALTENHOFEN, 1996; TORNQUIST, 1997; para citar apenas alguns mais abrangentes). Um aspecto ainda pouco percebido até recentemente é o fato de que os efeitos do contato não se restringem ao alemão, senão que a influência entre variedades é mútua. Isto não se limita às influências lexicais, como ocorre por exemplo com o empréstimo *chimia* (do alemão dialetal *Schmier*), praticamente conhecido em todo o Rio Grande do Sul e no leste de Santa Catarina e do Paraná (cf. ALERS, mapa 357), mas também vale para o âmbito da fonética-fonologia do português falado por descendentes de imigrantes no Brasil (cf. ALTENHOFEN/MARGOTTI, 2011).

No presente artigo, pretende-se contribuir para a linha de pesquisa dos contatos linguísticos de imigração analisando uma variável fonológica do português falado por descendentes de imigrantes alemães, um dos grupos de imigração mais representativos no sul do Brasil. Trata-se de um estudo preliminar sobre a realização do *r-forte* /r/ na fala destes descendentes no Rio Grande do Sul, tomando por base dados do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H). Em primeiro lugar, pretende-se analisar se os informantes usam variantes de *r-forte* em contextos em que sua realização seria esperada, bem como descrever as variantes empregadas por esses falantes bilíngues em português e alemão (Hunsrückisch). Os dados do ALMA-H permitem uma análise pluridimensional, questão que será aproveitada para fazer uma análise diastrática e diageracional das ocorrências registradas, como se verá mais adiante. No presente artigo não vai ser possível estudar a variação diatópica visto que a base de dados desta análise prévia provém só de quatro dos 38 pontos de inquérito do Projeto; mesmo assim vai permitir obter uma primeira impressão do comportamento linguístico dos falantes e indicar tendências para estudos futuros.

Imigrantes alemães no Rio Grande do Sul

No transcurso do século XIX, muitos alemães decidiram emigrar ao Novo Mundo em esperança de uma vida melhor, longe de guerras, perse-

guição religiosa, pobreza ou fome. Em 1824, chegaram os primeiros imigrantes alemães ao sul do Brasil, a maioria proveniente dos estados do norte da Confederação Germânica. Nos anos subsequentes, foram os alemães de regiões mais meridionais que formaram o contingente mais forte de imigrantes, chegando estes últimos a desempenhar um papel relevante nas questões socioculturais e linguísticas nas colônias no Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, 1996, p. 14). A variedade dialetal do alemão falada pela maioria dos imigrantes alemães no sul do Brasil, chamada de *Hunsrückisch* ou hunsriqueano, pode ser definida como uma coine de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX (cf. ALTENHOFEN, 2004). Trata-se, assim, de uma variedade herdada da imigração que continua sendo falada entre as famílias de descendentes, ainda que cada vez menos.

A vida isolada das colônias nas primeiras décadas da sua existência contrasta com a urbanização e industrialização paulatina dos anos posteriores e a concomitante formação de classes sociais (ALTENHOFEN, 1996, p. 73). Esta evolução, assim como o avanço progressivo das instituições do Estado nas colônias a partir da fundação da República em 1889 levou à entrada e adoção do português nos âmbitos reservados anteriormente exclusivamente ao alemão. Um acontecimento decisivo na história do alemão no Rio Grande do Sul foram as leis de nacionalização de Getúlio Vargas e a Segunda Guerra Mundial, as quais levaram primeiramente à proibição do alemão nos colégios e depois inclusive à interdição completa do seu uso no âmbito público (ALTENHOFEN 1996, p. 69-70). Assim, os colonos perderam o contato com o alemão padrão ensinado até então nas escolas, mantendo-se o uso do dialeto no âmbito familiar. Sobretudo nas zonas rurais, durante muitos anos, o acesso ao português foi dificultado por falta de infraestrutura (escolas e imprensa); isso paradoxalmente levou a uma estabilização do dialeto como língua local (*community language*) e sua manutenção até os dias de hoje (ALTENHOFEN 1996, p. 71). Hoje em dia o monolinguismo em alemão ou hunsriqueano é raro e limita-se às gerações mais velhas (cf. TORNQUIST, 1997, p. 76). Predomina o falante bilíngue, sobretudo nas gerações mais velhas, com considerável perda linguística entre crianças e adolescentes.

O fonema /r/ em português e hunsriqueano

No português há dois fonemas vibrantes, o *r forte* e o *r fraco, brando* ou *simples* que dependendo do contexto fonético ou região diatópica são re-

alizados como variantes diferentes (MONARETTO et al. 1996, p. 218). Só em posição intervocálica as vibrantes encontram-se em oposição fonológica, por exemplo em: *carro* vs. *caro* (CRISTÓFARO-SILVA, 1998, p.159). O *r-fraco* é realizado como tepe [ɾ] em todas as variedades do português (CRISTÓFARO-SILVA, 1998, p. 142/43, 159; MONARETTO et al. 1996, p. 218), tanto em posição intervocálica (por exemplo em *careta*), em grupo consonântico (por exemplo em *prata*). A realização do *r-forte*, pelo contrário, que ocorre sempre em início de palavra (*rosa*), intervocálico (*carro*) ou precedido de consonante (*Israel*), varia consideravelmente de região para região: é realizado como fricativa velar [x] no Rio de Janeiro, como fricativa glotal [h] em Belo Horizonte, e mais no sul, em São Paulo e no Rio Grande do Sul como vibrante múltipla alveolar [r]. Além disso, registra-se a presença da variante retroflexa [ɻ] típica do norte de São Paulo e sul de Minas Gerais (cf. CRISTÓFARO-SILVA, 1998, p. 38/9, 160; MONARETTO et al. 1996, p. 215, 218). Na posição de coda silábica, neutraliza-se a oposição entre *r-forte* e *r-fraco*, de modo que, dependendo da variedade, pronuncia-se ou um tepe ou uma das variantes de *r-forte* (por exemplo em *carta, mar*) (CRISTÓFARO-SILVA, 1998, p.160; MONARETTO et al. 1996, p. 206, 218).

Existe no português brasileiro uma tendência, proveniente das grandes cidades, de mudança do ponto e modo de articulação do fonema vibrante forte que passou de uma articulação anterior para posterior e de um modo vibrante para fricativo (MONARETTO et al. 1996, p. 219 e MONARETTO, 2002, p. 254). Essa tendência vale também para Porto Alegre. Fora da capital gaúcha, no Sul do Brasil, esta mudança, segundo Monaretto (2002, p. 255), transcorre de forma mais lenta devido às diferentes constelações de contatos linguísticos do português com as línguas de imigração e o espanhol nas zonas de fronteira.² Por isso, independentemente da tendência inovadora, para o Rio Grande do Sul ainda constata-se a preferência pela vibrante alveolar (cf. MARQUARDT, 1977; MONARETTO, 1992; ALERS mapas 44 e 46).

No hunsriqueano, falado pela maioria dos descendentes de imigrantes alemães, existe só um fonema vibrante, a vibrante simples alveolar ou tepe /ɾ/. Uma consequência natural é a transferência desse paradigma do hunsriqueano para o português falado por esses descendentes de alemães; como resultado tem-se a neutralização dos fonemas *r-forte* e *r-fraco* em posição in-

2 Pelo contrário, no litoral de Santa Catarina, região de colonização açoriana, a mudança está mais avançada e já quase não se encontram realizações vibrantes (MONARETTO 2002: 255; 1992, 1997).

tervocálica (ALTENHOFEN, 1996, p. 335). Também Monaretto et al. (1996, p. 216) mencionam a substituição da vibrante múltipla pelo tepe no português falado por descendentes de colonos europeus (inclusive de italianos).

Base de dados considerada

Os dados para o presente estudo provêm do ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), projeto binacional brasileiro-alemão que têm como objetivo produzir um atlas linguístico pluridimensional³ onde estejam registradas a variação, contatos linguísticos e uso do *Hunsrückisch* na região Sul do Brasil, no Nordeste da Argentina e no Leste do Paraguai (cf. ALTENHOFEN, 2004). O objetivo do Atlas não é apenas descrever as diferentes manifestações na variedade minoritária, mas também analisar sua influência no português de seus falantes.

Para este artigo, analisaram-se as realizações de *r-forte* procedentes de 19 leituras do texto bíblico “parábola do filho pródigo” em português (cf. texto no anexo), feitas por um total de 44 informantes provenientes de 4 localidades diferentes do Rio Grande do Sul⁴. Foram registradas e avaliadas no total 254 ocorrências de *r-forte*, realizadas em 8 palavras com *r* inicial⁵ (145 ocorrências) e 6 palavras com *r* intervocálico⁶ (109 ocorrências).

Dos três estilos de uso da língua considerados pelo ALMA-H, incluindo conversa livre, respostas a perguntas do questionário e leitura, este último estilo, mais monitorado, representa o menos livre, já que pressupõe a “tradução” de um texto preestabelecido do meio gráfico para o meio oral. Neste caso, é de se esperar uma pronúncia mais cuidada do que na conversa livre. Por isso, justifica-se, em estudos futuros, considerar a análise diafásica (em estilos e situações distintas de uso da língua) para identificar variações de pronúncia na fala do mesmo informante.

Na maioria dos casos, as leituras foram realizadas por mais de um informante, seguindo a metodologia do atlas que prevê pluralidade de informantes. Isto significa que cada grupo de entrevista se constitui de mais de um informante entrevistado simultaneamente. Isso garante maior clareza

3 A dialetologia pluridimensional analisa a variação linguística combinando a dimensão diatópica com dimensões sociais, como o nível de escolaridade, a idade etc. dos informantes (cf. THUN 2011)

4 RS02: Ivoti e Dois Irmãos, RS07: Harmonia, RS11: Forquetinha e Lajeado, RS19: Panambi.

5 Repartiu, região (2x), riqueza, roupa, regressar, respondeu, riqueza (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

6 terra, morrer, correu, bezerro (3x) (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

e detalhamento de processos de convergência e divergência da variação linguística em foco. As leituras são feitas consecutivamente por diferentes informantes do mesmo grupo.

O ALMA-H permite registrar a variação diastrática por meio de dois parâmetros, segundo o grau de escolaridade. Foram entrevistados informantes com formação universitária parcial ou completa, grupo chamado de socioculturalmente alto (Ca), e informantes com formação até ensino médio e com uma profissão que não exija o uso da escrita, representando o grupo socioculturalmente baixo (Cb). Sem dúvida, é de se esperar, na fala desses descendentes de imigrantes alemães, uma competência variável em português condicionada pelo grau de escolaridade.

A variação diageracional está representada por duas gerações, a saber os informantes acima de 55 anos, a geração mais velha (GII), e os informantes de entre 18 e 36 anos, a geração mais jovem (GI). Em virtude do contato maior com o português, há entre os falantes jovens uma proficiência maior em português.

Análise da realização do r-forte

A pergunta inicial que se coloca em relação aos dados analisados é se os informantes pronunciam adequadamente a variante de *r-forte* nos contextos exigidos pela língua portuguesa, quer dizer em posição inicial de palavra e em posição prenuclear intervocálica representada graficamente por <rr>.

Como indica a tabela com as porcentagens das realizações das vibrantes nas palavras analisadas (figura 1), há variação na produção de *r-forte*, mesmo no estilo monitorado como o são as leituras de onde provêm essas realizações: o tepe predomina sobre a realização como uma variante de *r-forte* (seja vibrante múltipla, seja fricativa velar):

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	38%	51%	44%
tepe	62%	49%	56%

fig. 1. Realização do fonema /r/.

Como demonstram as porcentagens na mesma tabela, a realização do *r* depende da sua posição na palavra. Se compararmos os valores, na posição intervocálica os informantes parecem ter mais facilidade para pronunciar

um *r-forte* do que no início de palavra. Uma explicação possível é a de que os informantes se apoiam na grafia, considerando que as palavras com *r-forte* intervocálico se escrevem com *r* duplo <-rr->, enquanto que, em início de palavra se utiliza somente um <r->. A grafia, neste caso, poderia influenciar uma pronúncia diferente do tepe. Já em outros estudos foi constatado que os membros das comunidades teutobrasileiras podem ter uma certa dificuldade em estabelecer o contraste fonêmico entre o *r-forte* e *r-fraco* no português (cf. SCHNEIDER, 2008, p. 85).

Também o contexto fonético exerce influência sobre a pronúncia do *r*. Praticamente a metade das realizações do *r* como *r-forte*, em início de palavra, ocorre nas palavras *roupa* e *respondeu*, por influência da palavra precedente que contém *r* no final: “a melhor roupa” e “o filho maior respondeu”⁷:

	melhor roupa	maior respondeu
[r]	11	10
[x]	3	3
[r]	4	4

fig. 2. Realização do fonema /r/.

Pode-se, com isso, ver claramente, nestes dois contextos, que na maioria das vezes os informantes pronunciam uma vibrante múltipla, som que já é preparado pelo tepe nas palavras precedentes ao *r* inicial. A sequência de vibrantes favorece uma realização como vibrante múltipla alveolar. O *r-forte*, na realização da fricativa velar, e o tepe, por outro lado, ocorrem poucas vezes.

Pelo contrário, nos outros casos de *r* inicial, há preferência considerável pelo tepe. Suprimindo dos dados as duas palavras que favorecem a realização de vibrante múltipla obtemos as seguintes porcentagens:

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	25%	51%	38%
tepe	75%	49%	62%

fig. 3. Realização do fonema /r/ (sem as ocorrências nas palavras roupa e respondeu).

7 Unicamente nestes casos o contexto fonético mostrou-se como relevante para a seleção de uma variante determinada.

De modo geral, portanto, podemos afirmar que os informantes do estudo apresentam mais realizações de tepe do que de *r-forte* em contextos reservados fonologicamente a este segundo fonema, e que a realização da vibrante depende consideravelmente da posição na palavra. Assim, em início de palavra, predomina nitidamente a realização como tepe, enquanto que o *r* intervocálico apresenta índices quase iguais, com leve preferência pelo *r-forte*, talvez por tratar-se, nesta análise do estilo de leitura, em que os informantes são apoiados pela grafia, para a pronúncia das palavras.

Análise pluridimensional de *r-forte* vs. tepe

Para o estudo pluridimensional da realização do *r-forte*, foram excluídas da análise as duas palavras que propiciam a realização de vibrante múltipla, para assim evitar uma possível falsificação dos resultados em favor de sua realização como vibrante múltipla, em início de vocábulo. Foram então analisadas para esta parte um total de 219 realizações de *r*: 110 em início de palavra⁸ e 109 em posição intervocálica⁹.

Dimensão diastrática

Como se pode verificar nos dados da tabela abaixo, na classe socioculturalmente alta (Ca) predomina claramente a realização do *r-forte* sobre a do tepe. Esta preferência dá-se sobretudo em posição intervocálica, onde a realização como *r-forte* é de quase 90%. No caso do *r* inicial as porcentagens quase iguais para as duas variantes demonstram uma forte variação dentro do grupo e, por conseguinte, insegurança por parte dos informantes do grupo socioculturalmente alto com respeito à pronúncia do *r* em início de palavra.

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	49%	89%	69%
tepe	51%	11%	31%

fig. 4. Realização do fonema /r/ por informantes do grupo Ca.

8 6 palavras de *r* inicial: repartiu, região (2x), riqueza, regressar, riqueza (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

9 6 palavras de *r* intervocálico: terra, morrer, correu, bezerro (3x) (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

No caso da classe socioculturalmente baixa (Cb), acontece exatamente o contrário do que na Ca (cf. figura 5): não apenas se dá o caso inverso de uma ocorrência bem superior do tepe em lugar do *r-forte*, como também essa preferência (pela variante não forte) é mais acentuada do que no outro grupo (Ca: 69% vs. 31% - Cb: 16% vs. 84%). Na posição intervocálica, chama atenção a preferência pela realização como tepe, resultado praticamente inverso ao da Ca. Em início de palavra, posição na qual até agora parece ser mais difícil para os informantes realizarem um *r-forte*, quase somente aparece a pronúncia como tepe, enquanto na Ca predomina a indecisão entre as duas formas.

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	9%	24%	16%
tepe	91%	76%	84%

fig. 5. Realização do fonema /r/ por informantes do grupo Cb.

Dimensão diageracional

A análise da dimensão diageracional, contrariamente a todas as expectativas, praticamente não manifesta diferença nenhuma com respeito à realização de *r-forte* ou tepe entre a geração dos mais velhos e a dos mais jovens. As porcentagens apresentadas nas tabelas abaixo mostram um comportamento quase idêntico das duas gerações que reflete o comportamento geral dos informantes analisados: há preferência pelo tepe, sobretudo em posição inicial de palavra, e a posição intervocálica apresenta índices quase iguais das duas variantes, com uma preferência muito leve pelo *r-forte* na GII e pelo tepe na GI.

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	22%	55%	38%
tepe	78%	45%	62%

fig. 6. Realização do fonema /r/ por informantes do grupo GII.

/r/ realizado como:	inicial	intervocálico	total
r-forte	28%	48%	38%
tepe	72%	52%	62%

fig. 7. Realização do fonema /r/ por informantes do grupo GI.

Análise comparativa das variantes de r-forte

Para a presente análise,¹⁰ foi analisado um total de 84 realizações de variantes de *r-forte*: 28 em início de palavra¹¹ e 56 em posição intervocálica¹². O número reduzido de realizações em início de palavra deve-se à produção elevada de tepes nesta posição.

Olhando os números totais do *r-forte*, na seguinte tabela, constata-se uma leve preferência pela vibrante múltipla sobre a fricativa velar. Em geral, pode-se afirmar que os informantes apresentam variação na pronúncia não somente com respeito a uma realização forte ou fraca, em contextos que fonologicamente correspondem ao *r-forte*, mas também na mesma realização do *r-forte*, como uma variante, seja vibrante múltipla, seja fricativa velar.

realizado como:	inicial	intervocálico	total
[r]	25%	71%	56%
[x]	75%	29%	44%

fig. 8. Distribuição das realizações como r-forte.

Pode-se comprovar, por este quadro, uma diferença nítida no uso das duas variantes, dependendo da posição na palavra: em posição intervocálica, constata-se uma preferência clara pela vibrante em lugar da fricativa, enquanto que em posição inicial temos o caso contrário.

Análise pluridimensional das variantes de r-forte:

Dimensão diastrática

Ao contrário dos demais informantes, os informantes da Ca têm uma leve preferência pela variante fricativa sobre a vibrante. Mais uma vez a variável posição dentro da palavra resulta decisiva na escolha de uma varian-

10 Também para esta análise foram excluídas da contagem as duas palavras já mencionadas que propiciam a realização de vibrante múltipla pelo contexto em que se encontram (palavra precedente que termina em “r”: “a melhor roupa” e “o filho maior respondeu”). Assim pretende-se evitar uma possível distorção dos resultados em favor da realização como vibrante múltipla em início de vocábulo.

11 6 palavras de *r* inicial: repartiu, região (2x), riqueza, regressar, riqueza (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

12 6 palavras de *r* intervocálico: terra, morrer, correu, bezerro (3x) (cf. palavras sublinhadas no texto anexado).

te de *r-forte*. As tendências de Ca são as mesmas que do grupo em total, só que em início de palavra a preferência pela fricativa é mais marcada, e em posição intervocálica a primazia da vibrante é menor.

realizado como:	inicial	intervocálico	total
[r]	14%	61%	44%
[x]	86%	39%	56%

fig. 9. Distribuição das realizações como r-forte do grupo Ca.

As porcentagens do grupo Cb mostram um comportamento completamente diferente aos de Ca: de modo geral, há uma preferência claríssima pela vibrante múltipla sobre a fricativa. Em posição intervocálica, não aconteceu nenhuma realização como fricativa no grupo Cb nos dados até agora analisados. Em início de palavra, constata-se igualmente a preferência pela vibrante, ainda que não tão forte como na outra posição.

realizado como:	inicial	intervocálico	total
[r]	67%	100%	90%
[x]	33%	0%	10%

fig. 10. Distribuição das realizações como r-forte do grupo Cb.

Pode-se afirmar que a dimensão diastrática é decisiva na análise da pronúncia dos falantes de hunsriqueano descendentes de alemães. Neste estudo preliminar, os informantes mais escolarizados apresentam uma preferência pela forma mais inovadora de *r-forte*, a fricativa velar, sobretudo em posição inicial de palavra, enquanto que os menos escolarizados preferem a vibrante múltipla, variante mais tradicional do Rio Grande do Sul, ainda presente em canções gauchescas e na fala rural, como mostram os dados do ALERS (cf. mapas 44 e 46).

Dimensão diageracional

Também no grupo dos informantes mais velhos temos uma clara preferência pela vibrante múltipla (embora não tão forte como no grupo Cb). Nas duas posições analisadas, registra-se a preferência pela vibrante, mas o predomínio da vibrante sobre a variante fricativa é especialmente acentuado na posição intervocálica.

realizado como:	inicial	intervocálico	total
[r]	64%	93%	84%
[x]	36%	7%	16%

fig. 11. Distribuição das realizações como r-forte do grupo GII.

O comportamento dos jovens com respeito à pronúncia do *r-forte* difere do comportamento dos mais velhos: aqueles têm preferência pela fricativa, ainda que essa preferência não seja tão marcada como a dos mais velhos pela vibrante. Em posição intervocálica os jovens apresentam um alto grau de variação com respeito à pronúncia do *r-forte*: os índices para cada variante são quase idênticos. Por outro lado, chama a atenção, em posição inicial, a predominância absoluta da fricativa.

realizado como:	inicial	intervocálico	total
[r]	0%	52%	33%
[x]	100%	48%	67%

fig. 12. Distribuição das realizações como r-forte do grupo GI.

Sobretudo nesta última parte da análise das variantes do *r-forte*, os resultados precisam ser vistos com cautela, já que o número de dados ainda não é muito elevado. Fica, no entanto, o alerta para as próximas análises.

Conclusão

Este estudo prévio das realizações de *r-forte* em português, considerando sua ocorrência no estilo da leitura, por falantes de hunsriqueano descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, permite chegar às seguintes conclusões:

1. Em geral, pode-se constatar variação na realização de *r-forte*, com um predomínio leve do tepe sobre uma variante de *r-forte* (seja vibrante múltipla, seja fricativa velar), manifestando-se a interferência do hunsriqueano para o português onde surge o *r-fraco* no contexto que fonologicamente corresponde ao *r-forte*.
2. Na realização do fonema forte /r/ constata-se um leve predomínio da vibrante múltipla sobre a fricativa velar.
3. A realização da vibrante depende consideravelmente da sua posi-

ção na palavra: em posição inicial, predomina claramente a realização como tepe; em posição intervocálica, pelo contrário, registra-se um número de ocorrências quase idêntico de tepe e *r-forte*, com leve predomínio do segundo, provavelmente influenciado pela presença visual do *r* duplo, na grafia do texto lido. Percebe-se uma insegurança por parte dos informantes em geral, com respeito à pronúncia do /r/, mais marcada em posição inicial de palavra. A respeito das variantes de *r-forte*, comprova-se, além disso, uma diferença significativa, dependendo da posição na palavra: em posição intervocálica, há um predomínio claro da vibrante sobre a fricativa, enquanto que, em posição inicial, prevalece a segunda.

4. Variação diastrática: pode-se afirmar que o nível de escolarização é um fator determinante a considerar na análise da pronúncia em português dos descendentes de alemães. A classe socioculturalmente alta não só apresenta números mais elevados de *r-forte* sobre o uso de tepe, mas também uma preferência pela forma mais inovadora de /r/, a fricativa velar, sobretudo em posição inicial de palavra. No caso da classe socioculturalmente baixa, acontece exatamente o contrário: não só se dá o caso inverso de uma ocorrência bem superior do tepe em lugar do *r-forte*, como também essa preferência é mais acentuada que no outro grupo. Além disso, há uma predileção claríssima pela vibrante múltipla, a forma historicamente mais tradicional, sobre a fricativa.

5. Variação diageracional: com respeito à realização fonologicamente correta de *r-forte* praticamente não há diferença entre as faixas etárias analisadas. Ambas as gerações têm preferência pelo tepe, sobretudo em posição inicial de palavra; em posição intervocálica, a distribuição entre tepe e *r-forte* é quase idêntica. Apenas na escolha da variante de *r-forte*, verifica-se uma diferença significativa entre as duas gerações: os jovens preferem a variante inovadora, a fricativa velar; os mais velhos, pelo contrário, têm uma preferência acentuada pela vibrante múltipla.

No seu estudo de variáveis fonético-fonológicas em oito comunidades ítalo-brasileiras Margotti (2004) constata a tendência por parte dos descendentes de imigrantes a eliminar aos poucos, as marcas de contato, sobretudo aquelas mais estigmatizadas e associadas à fala do colono. No presente estudo confirma-se esta tendência com respeito aos descendentes de imigrantes alemães, mas de momento, parece mais decisivo o grau de

escolarização do que a idade. Uma explicação possível é que os informantes da classe socioculturalmente alta, como grupo com maior mobilidade, têm mais contato com as variedades inovadoras do português, faladas nos centros urbanos.

BIBLIOGRAFIA

- ALERS = ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário. (orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALERS = KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário. (orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2a. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A constituição do corpus para um Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, p. 289-315, 2011.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1998.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung: Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese: Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- MARQUARDT, Lia Lourdes. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Dissertação: Mestrado em Linguística. Porto Alegre: UFRGS, 1977.
- MONARETTO, Valéria. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Dissertação: Mestrado em Língua Portuguesa. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

- MONARETTO, Valéria. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Tese: Doutorado em Letras. Porto Alegre: Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- MONARETTO, Valéria. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 253-268, 2002.
- MONARETTO, Valéria; QUEDNAU, Laura R.; HORA, Dermeval. As consoantes do Português. In: BISOL, Leda. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 205-246, 1996.
- SCHNEIDER, Maria Nilse. As (des)sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções linguísticas. *Contingentia*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 77-88, nov. 2008.
- THUN, Harald. Pluridimensional Cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, St. (eds.) *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation. Volume 2: language Mapping*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, p. 506-524, 2011.
- TORNQUIST, Ingrid Margareta. “*Das hon ich von meiner Mama*” – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala: Swedish Science Press, 1997.

Recebido em: 22/03/2013; Aceito em: 30/05/2013

Anexo: Leitura analisada

Parábola do Filho Pródigo

Jesus disse também: “Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: “Pai, tenho a idéia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence.” O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para os seus campos guardar e cuidar de porcos. Desejava encher o estômago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou:

“Eu minguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores.”

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse logo aos empregados: “Tragam depressa a melhor roupa e vistam-lho. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés. Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido às tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres de má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que míngües mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz.”

O pai disse-lhe com voz tênue: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmos-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.”